

<http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n49p99>

REGISTROS DO FUTEBOL FEMININO NA REVISTA PLACAR: 30 anos de história

Leila Salvini¹
Wanderley Marchi Júnior²

RESUMO

Propomos com esse escrito apresentar uma história do futebol feminino contada pela revista Placar entre os anos de 1980 – 2010. Para tanto, foram utilizadas 23 revistas que estão apresentadas no corpo do texto subdivididas em três décadas. A primeira década de 1980-1990 apresenta resquícios evidentes do Decreto-Lei 3.199, e dessa forma, a revista se esforça para apresentar jogadoras em poses ou ações que lembrem a normatividade de gênero, nesse período, surge o E. C. Radar, que ficou conhecido como a equipe mais vitoriosa do futebol feminino brasileiro. A década seguinte é marcada por eventos internacionais e a dicotomia na veiculação de informações e imagens de mulheres futebolistas e de modelos que jogavam o futebol. Já a década que abrange os anos de 2000-2010, fica marcada pelo bom desempenho em eventos internacionais e o anseio da profissionalização, que permanece um pouco distante de se tornar realidade.

Palavras-chave: Futebol Feminino; Revista Placar; História do Futebol Feminino

1 Doutoranda em Educação Física. Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.
E-mail: leila.salvini@hotmail.com

2 Pós-doutor em Sociologia do Esporte. Professor nos programas de graduação e pós-graduação em Educação Física e pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba/Paraná, Brasil.
E-mail: marchijr@ufpr.br

INTRODUÇÃO

O futebol praticado por mulheres no Brasil apresenta um histórico conturbado de preconceitos e proibições que resultam no escasso registro de informações acerca dessa prática. Estamos partindo do pressuposto que tais fatos se devem pelo esporte ter sido implantado no final do século XIX como produtor e reproduzidor de atributos de masculinidade – como a liderança, o preparo físico, o combate “corpo a corpo”, o lazer fora de casa e anos mais tarde, a profissionalização – onde as mulheres participavam na categoria de expectadoras ou como praticantes lúdicas (MOURÃO, 2000; GOELLNER, 2003a; FRANZINI, 2005).

O nosso país passava por um processo de industrialização e renovação populacional e os esportes, nesse contexto, tinham – dentre outras funções menos explícitas – o papel de manter a saúde das mulheres para que pudessem gerar uma prole forte e saudável, que viesse a defender a nova pátria que se estabelecia. Nessa conjuntura, somente práticas esportivas que viessem a reforçar elementos de feminilidade ou de “preparação para a maternidade” eram incentivados às mulheres, ao passo que práticas que pudessem por em risco a reprodutividade biológica ou o “papel da mulher” do início do século XX, eram banidas (GOELLNER, 2003).

Nesse contexto de determinações indiretas que visavam à construção de papéis sociais por meio da manipulação das práticas esportivas e, por consequência dos corpos e das ações práticas de seus agentes, o futebol feminino apresentava-se como um “desvio de conduta”, pois proporcionava às mulheres outras possibilidades “além daquelas consagradas pelo estereótipo da ‘rainha do lar’, que incensava a ‘boa mãe’ e a ‘boa esposa’ (de preferência seguindo os padrões *hollywoodianos* de beleza), principalmente, restrita ao espaço doméstico” (FRANZINI, 2005, p. 321).

O apagamento ou a inexistência de maiores fontes que registram a prática do futebol por mulheres dificultam a construção de uma história da modalidade. Tendo em vista esse panorama e com o intuito auxiliar, mesmo que minimamente, a preencher a lacuna da falta de informações sobre a história das mulheres que jogam futebol, propomos apresentar uma história do futebol feminino³ brasileiro contada pelas páginas da revista Placar durante os anos de 1980-2010.

Salientamos que estamos propondo contar uma história do futebol feminino e não determinar que essa história aqui descrita seja a oficial ou inquestionável. A escolha de trabalhar com uma mídia impressa se justifica por entendermos que a veiculação midiática é de extrema importância para a popularização de uma prática, e da mesma forma, é um veículo formador e reproduzidor de algumas opiniões, principalmente quando se trata de uma modalidade polêmica como o futebol feminino. Se fizermos um exercício de reflexão de acordo com a teoria dos campos, elaborada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, compreenderemos que os diferentes campos interferem e sofrem interferência entre si, nesse

3 Embora tenhamos o conhecimento da urgência e da atualidade na utilização dos termos “futebol de mulheres” no lugar de “futebol feminino” (que vem sendo utilizados principalmente no meio acadêmico) optamos por realizar nossas buscas utilizando como palavras-chave: futebol feminino, por se tratar de uma fonte de pesquisa que utiliza esses termos para se referir ao futebol de mulheres.

caso, estamos tratando do campo esportivo e do campo midiático, que sofrem influências mútuas, tanto na divulgação quanto no esquecimento de ações práticas diferentes.

A revista selecionada para coleta dos registros acerca do futebol feminino é uma publicação da editora Abril desde março de 1970. Além de ser a revista esportiva que está há mais tempo em circulação no País, é líder do segmento no mercado editorial brasileiro contando com aproximadamente 1.527.877 leitores e tiragem mensal de 101.035 exemplares⁴. Saldanha (2009) destaca que em pouco mais de 40 anos a revista Placar passou por várias mudanças, sendo a principal delas a modificação no enfoque da revista, que passou de uma revista esportiva para uma revista que aborda especificamente assuntos sobre o futebol, assumindo completa reformulação no tamanho físico e principalmente na forma de abordagem. De acordo com informações do *website* da revista no ano de 2014, 88% dos leitores são homens, dado importante que pode interferir no modo como as reportagens e matérias foram e são articuladas.

Nosso marco temporal foi estabelecido tendo como pressuposto a revogação do Decreto-Lei 3.199⁵ que ocorreu no ano de 1979. É importante saber, que o artigo 54 desse Decreto-Lei estabelecia que: «às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. Em plena ditadura militar no ano de 1965, tal Decreto-Lei foi implementado pelo CND, passando assim, a proibir a prática feminina de lutas de qualquer natureza, a saber, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, pólo, *rugby*, halterofilismo e *baseball*. Rigo et al. (2008) asseguram que mesmo com a proibição legal, as mulheres continuaram a praticarem o futebol de maneira lúdica, apresentando-nos o caso de jogos realizados em Pelotas/RS no ano de 1950.

É em meio à eferescência da liberação da prática do futebol feminino por lei juntamente aos resquícios do movimento feminista que se disseminavam pelo Brasil, que propomos investigar os registros da revista Placar acerca do futebol feminino. Dessa forma, temos como objetivo para esse artigo apresentar uma história do futebol feminino contada pela revista Placar entre os anos de 1980 – 2010.

MÉTODOS

Para o desenvolvimento desse escrito utilizamos as edições da revista Placar disponibilizadas *online*⁶ e realizamos busca por palavra-chave: “futebol feminino”. Consultamos todas as revistas publicadas no período que compreende o recorte temporal estabelecido

4 EDITORA ABRIL, Placar. Disponível em: <http://publicidade.abril.com.br/marcas/placar/revista/informacoes-gerais>. Acesso em: 5 de junho de 2014.

5 O inteiro teor do decreto pode está disponível em: <<http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>>. Acesso em: 10 de junho de 2014. E foi revogado no ano de 1975 pela lei 6251/75, disponível em: <<http://www3.dataprev.gov.br/SISLEX/paginas/42/1975/6251.htm>>. Acesso em 10 de junho de 2014.

6 Buscamos as revistas em dois endereços eletrônicos. Até o ano de 2006 estão disponíveis em: <http://books.google.com.br/books/about/Placar_Magazine.html?id=bfAVudbsFLMC>. Do ano de 2006 até 2010, estão disponíveis em: <<http://placar.abril.com.br/revista>>. Acesso em 19 de junho de 2014.

(1980-2010), dessas, 23 (vinte e três) foram selecionadas para análise posterior. Destacamos que as menções às palavras-chave que não continham elementos textuais suficientes para fomentar a análise aqui proposta foram descartadas. As informações coletadas nas revistas serão apresentadas em três subtítulos organizados por décadas⁷, de 1980 a 1990, de 1990 a 2000 e de 2000 a 2010.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Futebol feminino: uma prática autorizada (1980-1990)

As informações iniciais localizadas com essa pesquisa ainda demonstram os resquícios da proibição do Decreto-Lei 3.199 no início dos anos 1980. A primeira matéria sobre futebol feminino encontrada na revista é na edição 593 de 5 setembro de 1980, e diz respeito a participação de uma leitora:

Aqui no Brasil ainda acham que lugar de mulher é na casa cuidando dos filhos. Mas estamos sem 1980! Não acham que está na hora de se montar um campeonato feminino? Sugiro, portanto, que Placar faça uma campanha em defesa do futebol feminino, mostrando que a mulher sabe gingar com o pé na bola (PLACAR, 5 de setembro de 1980 p.66).

Aparentemente, como forma de atender a solicitação da leitora, na edição seguinte e na mesma sessão localizada nas páginas finais da revista, encontramos uma enquete: “Você é a favor do futebol feminino?” e “Você chegaria mais cedo ao estádio só para ver uma preliminar⁸ entre dois times de mulheres?” Essa enquete foi veiculada nas edições de 25 de setembro e 2 de outubro de 1981. A edição de 2 de outubro de 1981 já apresentava algumas respostas, fomentando a participação de uma grande maioria de mulheres, as quais, levantaram a bandeira em defesa da sexualidade e feminilidade das futebolistas.

Mesmo com a realização de campeonatos regionais e estaduais desde 1980, identificamos que para a revista em questão o decreto foi revogado somente no ano de 1981 e não em 1979, como apontam os documentos oficiais. Por esse motivo, a aparição de informações acerca do futebol feminino foi surgindo lenta e timidamente. Dois anos após a última menção na revista, em abril de 1983, uma matéria que aborda as diferenças nas regras do futebol das mulheres e dos homens (no sentido de adequá-las às novas praticantes) volta a colocar o futebol feminino na revista e descreve que estão proibidas as trocas de camisas entre as jogadoras e o uso de chuteiras com travas metálicas; os jogos terão

7 O artigo em questão diz respeito ao resumo de um capítulo da dissertação da autora, defendida no ano de 2012 e está disponível na íntegra em: <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/27397/R%20-%20D%20-%20SALVINI,%20LEILA.pdf?sequence=1>>. Acesso em 11 de janeiro de 2016.

8 Prática comum aos times femininos, a preliminar corresponde ao jogo de abertura realizado pelas mulheres para anteceder as partidas masculinas.

duração de 70 minutos com 20 minutos de intervalo; as bolas serão mais leves e as dimensões do campo menores. Com relação às categorias, o CND estabeleceu a existência de duas categorias: juvenil (14 a 18 anos) e adulta (acima de 18 anos). Exceto pelo número de substituições – as meninas poderão trocar três jogadoras durante a partida – o restante das regras permanece as mesmas adotadas para os homens (PLACAR, 8 de abril de 1983, p. 68).

No ano seguinte, mais especificamente na edição de 24 de fevereiro em matéria de duas páginas intitulada “Futebol feminino: o charme da conquista” destaca o desempenho internacional das “meninas do Radar”⁹, como também, de outras três importantes equipes de futebol feminino (Internacional, São Paulo e Atlético Mineiro). É interessante observar que a disposição geográfica das equipes denota a proporção que a modalidade ensaia em tomar, e é essa disseminação que orienta a matéria em questão, a qual faz alusões ao novo mercado de produtos esportivos que estão sendo produzidos e comercializados para o público feminino. Vale destacar que as “garotas propaganda” foram escolhidas mais pela beleza física e harmonia das formas do que pela habilidade esportiva.

Para tentar compreender a falta de sucesso do comércio de artigos de futebol direcionados ao público feminino, rememoramos a ideia de Bourdieu (1983) quando enfatiza que para que ocorram transformações nas práticas e consumos esportivos é preciso que ocorram transformações tanto da oferta quanto da demanda. Para o autor, as transformações da oferta estão vinculadas às práticas esportivas legítimas e pela conquista de diferentes clientes, já as transformações da demanda, estão diretamente ligadas às transformações no estilo de vida. Nessa conjuntura, é possível compreender que a oferta e a criação de uma nova demanda de consumidoras dos produtos vinculados ao futebol apresentavam-se limitadas pelo distanciamento entre as ações e posturas associadas às futebolistas com aquelas compreendidas e incentivadas socialmente como legítimas às mulheres.

Uma aparente necessidade de apresentar a dicotomia entre os gêneros aos poucos vai se evidenciando e fazendo parte das características, ou mesmo, do editorial da revista, chegando ao seu ápice quando ilustra em sua capa a jogadora Vandira, do extinto Pinheiros – PR, trajando a camisa azul do clube e uma calcinha branca. A edição 738 de 13 de julho de 1984 trazia o seguinte chamado na capa: “Futebol Feminino: 3.000 times e 45.000 mulheres em campo”. No interior desse exemplar, o foco eram as principais equipes de futebol feminino do Brasil, em matéria intitulada: “O charme vai a campo”, Regina Echeverria descreve tanto o avanço técnico e em vias de profissionalização que assumia o Esporte Clube Radar, por meio de seu diretor Eurico Lira, quanto elucidava por meio de imagens os cuidados com a aparência vinculados à feminilidade normativa.

9 O Esporte Clube Radar, um clube de praia de Copacabana, foi fundado em 1932 e em 1981 foi criada a equipe feminina. Até paralisar suas atividades no ano de 1988, o Esporte Clube Radar realizou mais de 300 partidas, sendo 71 delas no exterior, obtendo 66 vitórias, 03 empates e 2 derrotas. Tendo como performances nos principais eventos: Campeão da Divisão Feminina do Rio de Janeiro de 1983 a 1988; Campeão Brasileiro de 1984 a 1988; Campeão do I Torneio Brasileiro de Clubes; Terceiro colocado no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na cidade de Cabo Frio; Campeão do Women Cup Of Spain; e 3º lugar representando o Brasil no I Torneio Internacional de Futebol Feminino na China (FERNANDES, 1991). O campeonato de 1988 foi o último disputado pelo Esporte Clube Radar, fato que marcou a decadência da equipe, como também, a do futebol feminino brasileiro de modo geral.

De modo interessante essa matéria consegue retratar o futebol feminino veiculado pela revista durante a década de 1980-1990, pois ao mesmo tempo em que evidência as habilidades esportivas das mulheres, que na maioria dos casos tinham outros empregos, que jogavam o futebol por lazer sem grandes anseios profissionais, faziam questão de evidenciar momentos que ressaltassem as preocupações com a beleza física e com sensualidade, como uma espécie de ferramenta para reforçar o gênero feminino normativo e desconstruir os preconceitos e questionamentos acerca sexualidade das mulheres que praticam futebol.

Com a intenção de ilustrar essa mescla entre o que estamos chamando de “habilidosa, porém feminina”, elencamos as legendas das fotos publicadas na edição mencionada anteriormente: “Bel: com a camisa 7, a grande musa do belo inter”; “Paraná: Colorado e Pinheiros lutam pelo título”; “Eurico Lira: cartola, pai e técnico”; “Vandira: preocupações vaidosas”; “Sally: agora, felizmente, o futebol é coisa pra mulher” (PLACAR, 13 de julho de 1984 p.24-27).

No dia 1º de fevereiro de 1985 a edição nº 767 da revista Placar reservou três páginas para escrever sobre o Esporte Clube Radar. “As Invencíveis: O Radar, um time que só perdeu dois jogos na vida, quer agora ser campeão do mundo”. Nessa ocasião foram apresentadas as 11 jogadoras do clube, incluindo a idade, o peso, a altura, o número da chuteira, o tamanho do busto, a posição em campo, a principal característica de jogo e o salário. Vale destacar que caracterizações como essas são atípicas no universo do futebol praticado por homens.

Após um período de três anos sem publicações sobre o futebol feminino, a revista Placar volta a tratar da modalidade de modo superficial na edição do dia 8 de abril de 1988, mencionando a existência de um time de futebol formado por modelos e atrizes da Rede Globo de televisão, chamado de Globetes. No entanto, as menções são direcionadas à Isadora Ribeiro, a “garota da abertura do fantástico”, Globete há dois anos e não ao futebol em si. A pequena matéria inicia entoando: “Com a bola nos pés, ela é uma negação completa. [...] ninguém vaia quando ela erra um passe ou perde um gol. [...] As Globetes se preocupam apenas em dar um autêntico show de beleza no gramado” (PLACAR, 8 abril 1988, p. 53).

De modo resumido, marcaram essa década a permissão legal da prática, com a revogação do Decreto-Lei 3.199, o surgimento e a campanha díspar (se comparada com as outras equipes da época) do Esporte Clube Radar, que com sua senda de vitórias estimulou a formação de novos times em todo o país. De acordo com Darido (2002), em 1987 havia 2 mil clubes e 40 mil jogadoras cadastradas na Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Lado a lado as demonstrações de técnica e habilidade das mulheres com a bola nos pés, destacamos que a veiculação de informações na revista Placar nessa década apresentou o futebol das mulheres sempre associado ao “ser feminino” enquanto construção social de gênero pautado na sexualidade normativa.

A desconstrução da associação da imagem da mulher futebolista à homossexualidade permeou as matérias e as ilustrações – que apresentavam jogadoras com aspectos da feminilidade normativa e em poses sensuais – mesmo que de maneira destorcida e maquiada. Tais feitos podem ser compreendidos e justificados pelo longo período em que o

futebol foi fortemente associado a uma prática ilegal, imoral ou mesmo, “deslegitimadora” do que era entendido como “ser mulher” para a época. Na sessão a seguir prosseguiremos com a apresentação das informações e análises da década de 1990 – 2000.

Notoriedade mundial e visibilidade local (1990-2000)

No final da década de 1980 e início da década de 1990, mesmo que de modo restrito e pouco organizado, campeonatos regionais, estaduais e nacionais eram realizados. Carmona e Poll (2006) alegam que mesmo com o apoio da CBF ao futebol feminino no início dos anos 1990, os campeonatos estaduais e regionais diminuíram consideravelmente. Valporto (2006) relata que em 1991 a FIFA anunciou a realização da primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino e como não existiam mais clubes estruturados em atividade, a CBF “recrutou” jogadoras do já extinto Esporte Clube Radar para endossar a equipe que defenderia o Brasil. Nesse evento, o Brasil foi eliminado na primeira fase, classificando-se em 9º no quadro geral.

No ano de 1995, aconteceu a segunda Copa do Mundo de Futebol Feminino realizada na Suécia e novamente o Brasil foi eliminado na primeira fase. A revista Placar de agosto de 1995 aborda a eliminação da Seleção Brasileira como resultado da falta de organização e evidencia o amadorismo da modalidade, como mostra o título da matéria: “Esquema amador: quando o assunto é desorganização, as meninas não devem nada aos homens” (PLACAR, agosto de 1995, p. 34).

É possível observar que quando a revista aborda um futebol focado na habilidade técnica, as palavras escolhidas para se dirigir a equipe feminina, tem um tom mais incisivo, ou menos “floreado”. De modo similar, as jogadoras que defendem a seleção brasileira, usam uniformes e cabelos parecidos com o da equipe masculina e pouco se parecem com as jogadoras da década anterior, que exaltavam características da feminilidade normativa. A dicotomia entre habilidade futebolística e beleza física normativa instaurava-se na modalidade nessa década. É nesse período também que saem de cena as “Globetes” e entram as modelos que “desfilam” futebol.

Em se tratando da espetacularização dos corpos femininos no esporte, Goellner assinala que essa prática é

[...] aceita e incentivada em determinados locais sociais, é colocada sob suspeição em outros, tais como o campo de futebol ou as arenas de lutas, uma vez que estes espaços colocam à prova uma representação de feminilidade construída e ancorada na exacerbação a determinados atributos tidos como femininos, tais como a graciosidade, a harmonia das formas, a beleza, a sensualidade e a delicadeza (GOELLNER, 2003b, s/p).

Corroborando essas informações, as edições de agosto de 1995 e setembro de 1996 da revista placar publicaram capas com fotos de um futebol feminino que pouco lembra a realidade dos campos de futebol em campeonatos nacionais ou internacionais. A primeira capa exhibe quatro modelos de costas vestindo chuteira, meião, micro-calções

e mini-blusas nas cores da seleção, em poses sensuais. Embora tenha as mesmas cores, as poses executadas nessa fotografia não são comuns às poses oficiais ou tiradas durante uma partida de futebol feminino, dessa forma, mesmo que tacitamente, as poses, as modelos, o tamanho das roupas, reforçam a distinção entre beleza e sensualidade das modelos, ou das mulheres não futebolistas e as reais jogadoras de futebol feminino no Brasil, reforçando o estigma de que mulheres que jogam futebol são descuidadas da aparência, tal qual, reforça a noção de violência simbólica de cunho sexista, pois as mulheres, embora livres para exibirem seus corpos, estão sob a apreciação do olhar masculino (BOURDIEU, 2007). Já a capa do ano seguinte, é estampada por Suzana Werner, a “modelo-jogadora” que esconde seus seios com uma bola de futebol.

A “logística” dessa nova modalidade de futebol, o futebol de modelos, foi descrita na matéria “Adoráveis Pernas de Pau” (PLACAR, novembro de 1995, p.24). Os times são formados por modelos ex-capas da revista Playboy. Além da apresentação em quadra a exibição das modelos inclui uma festa promovida por algum empresário local, essas duas “tarefas” (o jogo e a festa) tinham no ano de 1996 um custo médio de R\$ 15 mil para dois dias.

É importante ressaltar que a partir da década de 1990 a revista assume uma nova linha editorial¹⁰, e que em 1995 assume o *slogan* “Futebol, Sexo e Rock’n roll”¹¹, e nessa nova fase, a temática futebol feminino é abordada de diferentes formas, separando jogadoras esteticamente bonitas ou modelos – que na maioria das vezes aparecem num formato de pôster em uma sessão intitulada “Deusa” – das jogadoras com melhor desempenho esportivo ou ainda assuntos sobre a seleção brasileira de futebol feminino.

Outra evidência subentendida dessa dicotomia no espaço do futebol feminino pode ser identificada na edição nº 1106 de agosto de 1995. Com o título de: “homens, chegamos!” a matéria organizada em duas partes inicia desenvolvendo a ideia de que as mulheres deixaram o preconceito para trás e montam times pelo país, mas trata os “dois tipos de futebol feminino” diferentemente. Inicialmente a matéria aborda o fato de as mulheres estarem adentrando um espaço até então proibido para elas e da espetacularização desses corpos, que vem a provar que a mulher é jogadora e sexy. Já a segunda parte, trata do atraso do país com relação ao investimento e gestão esportiva da modalidade. Destacamos que nessa esfera do futebol não são ilustradas aproximações entre beleza física e qualidade técnica.

10 No início dos anos 1990, a revista passou de semanal para mensal e, o enfoque em diferentes esportes foi direcionado unicamente ao futebol. Para maiores informações a respeito das reproduções do futebol moderno veiculadas na Revista Placar, ver: Saldanha, R.M. *Placar e a produção de uma representação de futebol moderno*. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

11 Em abril de 1995, a revista renovou o foco, formato, *slogan* e pela primeira vez em sua história a Placar vendeu assinaturas. “Futebol, sexo e rock’n roll” era o novo slogan da revista, que apostava na tentativa de conquistar um público ainda maior e abranger o maior número de leitores. Um ano depois a revista fez nova mudança sendo a principal o tamanho, que voltou a ser como antes. Esse padrão foi mantido até meados de 2000, quando a revista completou 30 anos de existência. O *slogan* é retirado e o foco voltou a ser o futebol brasileiro e mundial. Dias, Kadu. Placar. Mundo das Marcas: um blog que fala de brands. 10 de agosto de 2007. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com/2007/08/placar-templo-do-futebol-brasileiro.html>>. Acesso em: 11 de janeiro de 2016..

Retornando ao acervo de revistas *Placar* da década anterior, mais precisamente de 24 de agosto de 1984, encontramos uma entrevista com então presidente do Comitê Olímpico Internacional (COI), Juan Antônio Samaranch. Ao ser questionado a respeito de quais esportes poderão entrar na programação Olímpica no futuro, mais diretamente, o futebol feminino, ele respondeu: “Não, nunca pensamos em torná-lo um esporte olímpico” (PLACAR, 1984 p. 27). E dessa forma permaneceu. Somente 12 anos depois é que o futebol feminino fez parte dos Jogos Olímpicos, em Atlanta.

Em se tratando de Jogos Olímpicos,

A seleção feminina do Brasil [...] perdeu a vaga no campo, mas recuperou-a nos meandros do regulamento do COI. [...] O pior é que a Seleção caiu no grupo da Noruega, atual campeã mundial, e da Alemanha, que surrou as brasileiras no Mundial do ano passado por 6x1. Os jogos servirão como vingança. Ou como confirmação do fracasso. (PLACAR, maio de 1996, p.69).

Com a conquista do 4º lugar, a instabilidade futura vem à tona: “Valeu Meninas! E agora?” (PLACAR, setembro de 1996). Juntamente ao questionamento que remete a realidade do futebol feminino no país, essa edição “desmascara” assuntos polêmicos que envolvem desde a CBF até a sexualidade das jogadoras.

O processo de inserção do futebol de mulheres em um espaço maior e hierárquico, denominado simplesmente de “futebol” – leia-se: futebol praticado, organizado e administrado por homens – passa dessa vez por outra modificação. Aqui, além da beleza física atrelada as meninas que praticam o futebol, elementos culturais e financeiros passam a ser vinculados à prática. Tal apontamento pode ser apreciado no excerto retirado da revista veiculada em setembro de 1996, p.50:

No começo da década de 80, as pioneiras do futebol eram de origem humilde [...]. Esse perfil vem mudando. Nas escolas de futebol, as patricinhas de classe média aderiam em peso ao esporte e já formam uma fatia significativa entre as praticantes do futebol.

Para esse novo público o futebol não é profissão, e sim, diversão. É uma prática lúdica que visa o cuidado corporal e não a especialização esportiva e é desenvolvida em espaços de maior distinção, como escolinhas, reforçando atributos normativos de feminilidade e consumo. É importante observar que uma mesma prática toma diferentes proporções e aceitações quando praticadas por camadas diferentes da sociedade, Bourdieu (2008) descreve que a principal oposição entre os gostos de luxo e os gostos de necessidade se materializa nas diferentes maneiras de afirmar a distinção.

Fechando a década de 1990, a revista exibe uma matéria sobre a participação das mulheres nos Jogos Olímpicos de Sydney na qual cita cobrança de cartolas do futebol à equipe feminina. Nessa esteira, a revista apresenta a opinião da jogadora Kátia a respeito da cobrança: “[...] nós conseguimos tudo, mas os dirigentes não estão fazendo a parte deles” (PLACAR, agosto de 1999, p. 24). A reportagem encerra trazendo à tona a noção de

persistência – frente ao contexto de dificuldades – que as jogadoras brasileiras despertam, “[...] a única certeza é que quando o Brasil precisar, elas estarão lá”, alega Kátia.

A década de 1990-2000 ficou marcada pela participação em eventos esportivos internacionais, pela construção dicotômica de corpos e ações práticas entre jogadoras de futebol federadas e as modelos jogadoras de futebol, ou seja, entre habilidade e sensualidade. Nesse período de tempo o futebol apareceu na revista Placar também como forma de lazer ativo para meninas de classes médias ou mais abastadas, mas o que ficou mais evidente é a luta daquelas que buscam fazer da modalidade uma profissão, reconhecida e remunerada. Seguiremos com reflexões acerca do futebol feminino veiculado na revista Placar entre os anos de 2000 – 2010, na próxima sessão.

Profissionalização, um sonho distante? (2000-2010)

O primeiro exemplar dessa década nos faz lembrar de temáticas já reincidentes no espaço do futebol praticado por mulheres, a feminilização normativa. No entanto, nesse momento o assunto aparece, de modo literal, com uma nova roupagem. Com o título, “Só no sapatinho: candidatas à medalha em Sydney, as meninas da Seleção lutam por sua feminilidade e comemoram conquistas impensáveis, como uniformes sob medida” (PLACAR, maio de 2000 p.55), a matéria de 4 páginas toma o uniforme feito sob medida para as jogadoras como a materialização da legitimidade que estão buscando no espaço do futebol.

A reportagem foca nos depoimentos das jogadoras da seleção para afirmar a superação dos preconceitos com relação à sexualidade ou mesmo a representação de gênero, com ênfase na diferença de idades e conseqüentemente na diferença temporal que vivenciaram a modalidade. “Marisa (33 anos) começou a jogar quando o futebol era associado ao homossexualismo”. Já Dani Alves (16 anos) “[...] é de outra geração, em que o esporte já é praticado normalmente nas aulas de Educação Física”. Com 17 anos, “Renatinha desfila nos cabelos loiros e compridos e nos olhos claros uma outra transição importante na Seleção, em relação às veteranas, está em paz com a feminilidade”.

[...] as novatas, como Renatinha, dão duro no gramado, mas tentam, ainda sem muito método, se manter ‘mocinhas’ dentro e fora dele. ‘Ser mocinha’ não indica a opção sexual das jogadoras. Aponta a disposição de adotar o jeitão dos homens, até agora senhores absolutos dos gramados. A ideia antes era parecer ao máximo com os colegas do sexo oposto, para se sentirem menos invasoras (PLACAR, maio de 2000, p. 57).

Seguindo a análise dessa matéria, apontamos a fala de Priscila, atacante do Palmeiras: “Eu acho que tem que ser mocinha, sim. [...] Não pode ter frescura pra jogar, mas isso ninguém aqui tem. Agora, fora dos gramados, sou mocinha”. Depoimento que remonta à noção de feminilidade e de “garra” no espaço do futebol, promovendo o que Goellner (2010) chama de espaço de ambigüidades.

Durante os Jogos Olímpicos não foram veiculadas informações relevantes sobre a seleção brasileira de futebol feminino, que disputou a medalha de bronze contra a

Alemanha, perdendo por 2x0 e terminando em 4º lugar. A temática voltou à tona em na edição de 17 de abril de 2001, em uma pequena nota que anunciava a participação em um campeonato nos Estados Unidos, que seria a “salvação” para as jogadoras Sissi, Kátia Cilene, Pretinha e Roseli que estavam sem clubes no Brasil.

Prosseguindo na esteira dos eventos internacionais, em 2003 os Estados Unidos sediaram novamente o Mundial de Futebol Feminino. O Brasil terminou a competição em 5º lugar, sendo a Alemanha a campeã. Marta foi destaque na mídia internacional, e na edição da revista Placar de outubro desse mesmo ano, os holofotes também se voltaram para a jogadora. Em matéria de uma página e com o título: “baixinha arretada: a alagoana Marta é a nova estrela da Seleção Brasileira feminina”, a revista conta de maneira breve sua trajetória no futebol.

Além do destaque mundial concedido à Marta, decorrente do seu desempenho, outro fato chamou a atenção da mídia nacional ao abordar o futebol feminino. Trata-se da escalação de última hora – para conferir visibilidade midiática à equipe – da “rainha das embaixadas” e então esposa do jogador Ronaldo, Milene Domingues. A revista Placar de dezembro de 2003 veicula essa escalação com a seguinte provocação: “você já viu falar de um meia-atacante roubar a vaga de um lateral-direito?” Soa estanho, não é? Mas não na Seleção Brasileira Feminina” (PLACAR, dezembro 2003 p.16).

Mesmo com a conquista da medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Atenas, a dura realidade das jogadoras não modifica. A edição de junho de 2007 aborda essa temática, com o título: “Retorno zero: sucessos recentes da seleção brasileira de futebol feminino não mudaram a dura realidade das jogadoras”, Flávia Ribeiro segue apresentando a fala das jogadoras, “Jogar futebol no Brasil não é fácil. Não tem salário, tem ajuda de custo” diz Grazielle Nascimento, 26 anos, que joga no Botucatu – SP; “[...] experiência eu tenho. Só não tenho dinheiro” fala Renata Diniz que há 4 anos já faz parte do elenco da Seleção” (Placar, junho, 2007 p. 27). Em outro relato da falta de oportunidade e incentivo em solo brasileiro, a jogadora Cristiane anuncia que está indo para a Europa jogar futebol, salientando que a modalidade aqui “[...] engatinha e ainda falta muito para a gente ser reconhecida” (PLACAR, janeiro, 2008 p. 22).

Fica evidente nas falas das jogadoras que o futebol feminino, embora tenha desfrutado do reconhecimento midiático decorrente das participações em eventos internacionais, em especial nos Jogos Olímpicos, ainda passa por muitas dificuldades de cunho financeiro, no sentido de ter no futebol uma profissão. Outra característica marcante da equipe que defendeu o Brasil nesses eventos é o desempenho individual da jogadora Marta, que foi eleita a jogadora do ano da FIFA de 2006 e Chuteira e Bola de Ouro Adidas no ano de 2007 pela atuação no Mundial de Futebol Feminino de 2007. Marta foi premiada como melhor jogadora do ano FIFA por mais 4 vezes consecutivas. A revista em questão deposita em Marta a responsabilidade de êxitos da equipe feminina, “depois da prata em Atenas e do vice na Copa do Mundo deste ano, está na hora da seleção feminina liderada por Marta chegar ao topo” (PLACAR, dezembro de 2007). O topo que a revista se refere é o *pódium* nos Jogos Olímpicos de Pequim.

Nesse sentido, a revista vincula a figura de Marta ao possível sucesso da seleção feminina, e exhibe na edição de novembro de 2007 algumas “dicas” do treinador da equipe em que Marta representava na Suíça, o Umea. “5 dicas para o futebol feminino pegar no Brasil: 1. Qualidade e não quantidade; 2. Desvincular dos times masculinos; 3. Aproveitar a onda; 4. Segurar as craques; e 5. Investir na base” (PLACAR, novembro, 2007, p. 84).

A revista Placar, destina 8 páginas para falar de futebol na Olimpíada de Pequim. Em uma das páginas estabelece um rápido comparativo entre o futebol das mulheres e dos homens, com o título: “Eles ou Elas? Duas coisas ficaram claras pra quem acompanhou o futebol na Olimpíada. A disputa do feminino é mais interessante que a do masculino. Entenda porquê” (PLACAR, setembro, 2008, p. 88), a matéria segue abordando que as melhores jogadoras do mundo são escaladas para defender a seleção; que existe maior equilíbrio entre as seleções; e que, as jogadoras “encaram pra valer o espírito olímpico”. No entanto, na página a seguir, em um texto intitulado “A gente gosta é de medalha” André Rizek, deixa clara a posição que “ninguém” (p.89) gosta de assistir ao futebol feminino, somente na Olimpíada. Mas, que se gosta de medalhas, e por esse motivo a CBF deveria – na opinião dele – apoiar o futebol feminino.

Outras menções foram feitas pela revista ao futebol feminino, mas em menor escala, nos anos de 2009 e 2010, no entanto, essa década pode ser resumida principalmente pelo anseio da profissionalização, a participação com resultados significativos em eventos internacionais e a permanência do descaso para com a modalidade. É interessante perceber que com o passar dos anos, as matérias vinculando a necessidade de demonstrações de beleza ou cuidados com a aparência, ao futebol, vão dando espaço para matérias que abordam questões relacionadas à falta de patrocínios ou mesmo o desempenho individual de Marta¹².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revogação do Decreto-Lei 3.199 foi o marco temporal utilizado por nós para iniciarmos a investigação na revista Placar. A década que sucedeu essa liberação foi marcada pelo reforço de elementos de feminilidade normativa nas jogadoras, num intuito, mesmo que velado, de desconstruir a ideia de que mulheres que jogavam futebol não se preocupavam com a aparência ou tinham sua sexualidade “transviada”. Outro acontecimento importante nessa década foi a criação do Esporte Clube Radar, equipe que teve grande representatividade para o futebol feminino e que atualmente permanece como referência de uma equipe vitoriosa e organizada – para os preceitos do futebol feminino da época.

Na década seguinte (1990-2000), as informações fornecidas pela revista nos auxiliam a remontar uma história baseada principalmente em uma dicotomia entre mulheres que tem habilidade futebolística e aquelas que usam o futebol como um espaço

12 Mais informações sobre a veiculação do futebol e da figura da jogadora Marta na revista Placar podem ser visualizadas em: SALVINI, L.; MARCHI JÚNIOR, W. O futebol de Marta na Revista Placar: Recortes de uma história. *Espaço Plural* (Marechal Cândido Rondon. Online), v. 14, p. 271-297, 2014.

de trabalho “não esportivo”, pois são modelos ou atrizes. A dicotomia da qual estamos tratando, estampava-se nos corpos e na forma de apresentação das jogadoras, sejam elas federadas ou modelos. Enquanto as jogadoras federadas tinham aparência mais próxima daquela apresentada pelos homens, uniformes largos, cabelos curtos, preocupação com a *performance* e não com atributos de beleza, as modelos – como o próprio nome sugere – demonstravam pouco conhecimento ou habilidade com o futebol, utilizando-se desse espaço somente como uma vitrine corporal.

Os últimos 10 anos investigados nesse artigo, dizem respeito a um futebol amadurecido e “resiliente”, tendo em vista a precariedade das condições de desenvolvimento e prática da modalidade e mesmo assim, a Seleção Brasileira de futebol obteve resultados significativos nas participações tanto em Copas do Mundo quanto em Jogos Olímpicos. Ainda que menções estereotipadas a respeito da feminilização normativa das jogadoras permaneçam avivadas, a principal característica dessa década é o anseio pela profissionalização, que de acordo com as matérias veiculadas pela Placar, ainda parece um sonho distante.

Embora para fins didáticos e de organização do artigo apresentemos as três diferentes décadas exaltando suas principais características, não podemos perder de vista a noção processual e dinâmica da qual o espaço esportivo é dotado, ainda mais quando se tratam de disputas pela legitimidade da prática do futebol no Brasil. Nesse sentido, algumas ações práticas – tais como a apresentação generificada dos corpos e das ações – tomam proporções atemporais pela manutenção e reprodução de posições no interior do campo esportivo ou futebolístico, como foi possível minimamente vislumbrar na descrição histórica tecida nesse artigo.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre: Zouk, 2008.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CARMONA, L.; POLL, G. **Almanaque do futebol**. Casa da Palavra: COB. Rio de Janeiro, 2006.
- DARIDO, S. C. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Motriz**, Rio Claro, v. 8, n. 2, p. 43-49, 2002.
- FERNANDES, A. K. **A história do futebol feminino na cidade do Rio de Janeiro**. 1991. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Futebol), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1991.
- FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? : Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.
- GOLLNER, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2003a.
- GOLLNER, S. V. O esporte e a espetacularização dos corpos femininos. **Labrys: Estudos Feministas**, n. 4 ago/dez. 2003b.

- GOLLNER, S. V. Prefácio. In: KNIJNIK, J. D. (Org). **Gênero e Esporte**: masculinidades e feminilidades. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- MOURÃO, L. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, n 13, p. 5-18. 2000.
- PLACAR. São Paulo, número 509, 1980, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 593, 1981, 84 pp.
- PLACAR. São Paulo: número 594, 1981, 84 pp.
- PLACAR. São Paulo: número 672, 1983, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 718, 1984, 72 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 738, 1984, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 767, 1985, 84 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 931, 1988, 68 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 744, 1984, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1106, 1995, 64 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1109, 1995, 130 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1115, 1996, 100 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1119, 1996, 100 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1154, 1999, 98 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1163, 2000, 98 pp.
- PLACAR. São Paulo: número 1174, 2001, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo número 1263, 2003, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1265, 2003, 80 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1307, 2007, 96 pp.
- PLACAR. São Paulo: número 1312, 2007, 87pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1313, 2007, 96 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1314, 2008, 88 pp.
- PLACAR. São Paulo, número 1322, 2008, 97pp.
- RIGO, L. C. et al. Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 29, p. 173 -188, 2008.
- SALDANHA, R. M. **Placar e a produção de uma representação de futebol moderno**. 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- VALPORTO, O. **Atleta, substantivo feminino**: vinte mulheres brasileiras nos jogos olímpicos. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2006.

REGISTERS OF WOMEN'S SOCCER AT PLACAR MAGAZINE: 30 years of history**ABSTRACT**

With this writing we propose to present a history of women's soccer told by Placar magazine between the years of 1980-2010. Therefore, 23 magazines that are presented in the text and divided into three decades were used. The first decade of 1980 - 1990 has clear traces of Decree Law 3.199, and thus, the magazine strives to present players in poses or actions that reminds the normativity of gender, in this period comes the S.C Radar, which became known as the most successful team of the Brazilian women's soccer. The next decade, is marked by international events and the dichotomy in spreading information and images of women soccers and models who actually played the soccer. In the decade that spanned the years 2000-2010, is marked by the good performance in international events and the yearning of professionalization, which remains a bit far from becoming reality.

Keywords: Women's Soccer; Placar Magazine; History of Women's Soccer

REGISTROS DE FÚTBOL FEMENINO EN LA REVISTA PLACAR: 30 años de historia**RESUMEN**

Proponemos con este escrito proporcionan una historia del fútbol femenino registrado por la revista Placar entre los años 1980 - 2010. Para tanto, se utiliza 23 revistas que se presentan en el texto dividido en tres décadas. La primera década del 1980-1990 tiene claras huellas del Decreto Ley 3.199, y por lo tanto, la revista se esfuerza en presentar a las jugadoras en posturas o acciones que recuerdan a la normativa de género durante este periodo, el C.E Radar, que se hizo conocido como el equipo más exitoso del fútbol de las mujeres brasileñas. La próxima década está marcada por los acontecimientos internacionales y la dicotomía en la difusión de la información y las imágenes de las futbolistas y mujeres modelos que jugaban al fútbol. Desde la década que abarca los años 2000-2010, se caracteriza por el buen desempeño en eventos internacionales y el anhelo de profesionalización, que sigue siendo un poco lejos de convertirse en realidad.

Palabras clave: Fútbol Femenino; Revista Placar; la Historia del Fútbol Femenino

Recebido em: fevereiro/2016

Aprovado em: agosto/2016